

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

BÁRBARA CARVALHO MEDEIROS RAMOS

**DIALOGANJA: UM DOCUMENTÁRIO SOBRE A MACONHA COMO PAUTA NO
JORNALISMO BRASILEIRO**

**São Borja
2017**

BÁRBARA CARVALHO MEDEIROS RAMOS

**DIALOGANJA: UM DOCUMENTÁRIO SOBRE A MACONHA COMO PAUTA NO
JORNALISMO BRASILEIRO**

Relatório de Projeto Experimental de Trabalho Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Prof.^a. Orientadora: Sara Alves Feitosa

**São Borja
2017**

BÁRBARA CARVALHO MEDEIROS RAMOS

**DIALOGANJA: UM DOCUMENTÁRIO SOBRE A MACONHA COMO PAUTA DO
JORNALISMO BRASILEIRO**

Relatório de Projeto Experimental de Trabalho Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Projeto experimental defendido e aprovado em 06 de dezembro de 2017.

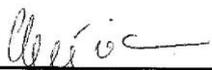
Banca Examinadora:



Prof.^a Dr.^a Sara Alves Feitosa
Orientadora
Universidade Federal do Pampa



Prof.^a Dr.^a Eloísa Klein
Universidade Federal do Pampa



Prof.^a Ms.^a Livia Freo Saggin
Universidade Federal do Pampa

Dedico este trabalho a todos os guerreiros da legalização, que lutam e defendem a *cannabis sativa* em detrimento de uma sociedade mais tolerante, menos violenta e menos preconceituosa.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Márcia Elisabeth Carvalho, minhas avós Elisabete de Medeiros Carvalho e Solange Medeiros Ramos, minha bisavó Sueli de Medeiros Carvalho, e minha tia Simone Medeiros Ramos, grandes mulheres de incríveis histórias que jamais deixarão de me inspirar.

Ao meu avô Jorge Roberto Nogueira Ramos, que sempre defendeu seus ideais e sempre me motivou à escrita. A meu pai, Alexandre Medeiros Ramos, meus irmãos, Wellington e Luiza, meus primos Luis Felipe e Arthur, meu avô Valmir Malta, e meus tios André Malta, Anderson Malta e Alessandro Carvalho.

Aos amigos portoalegrenses Aline Passos, que há 13 anos atura os mais diversos absurdos por mim proferidos (és uma guerreira!), Pedro Alves e Gabriel Appe, que mesmo com a distância, permanecemos em contato, sempre apoiando uns aos outros e acreditando em nós mesmos.

Também agradeço àquelas e àqueles que estiveram comigo desde sempre nessa caminhada por terras samborjenses: Rafaela Campos, Sara Moraes, Mayara Rodrigues, Rosana Ruviaro, Kellen Vieira, Jéssica Ribeiro, Juliene Martins, Rafael Welfer, Rudy Kuffner, bem como todas e todos que passaram por minha vida deixando ensinamentos positivos.

Às professoras Sara Feitosa, que em meio a todo o caos de minha existência acatou a proposta deste trabalho e não me deixou desistir; e Mara Ribeiro, por todas as oportunidades que me oferecete e portas que me abriu nesta universidade.

Aos professores Wesley Grijó (*in memoriam*), pelo incentivo que me deste em seguir na área do audiovisual – sou eternamente grata, porém ressentida por não ter te agradecido em vida; e Geder Parzianello, por elogiar a “ousadia do tema” do artigo escrito no componente curricular de Semiótica. Podes não imaginar, mas este elogio foi o que me motivou a seguir falando sobre maconha.

“Pastor, não me diga
Que o paraíso está embaixo da terra
Você não sabe quanto
A vida realmente vale
Nem tudo que brilha é ouro
Só metade da história foi contada
E então agora que você enxergou a
luz
Lute pelos seus direitos, vamos lá!
Levante, resista, lute pelos seus
direitos!
Levante, resista, não desista da luta!”

Bob Marley – Get Up, Stand Up

RESUMO

O presente trabalho visa abordar o tratamento que o jornalismo diário – tanto o de referência, como o alternativo – dá para notícia sobre maconha no Brasil. Para tal, produzimos um documentário performático-expositivo que mostra como é construída a notícia sobre maconha no país, com base inicial nos conceitos de notícia, de Miquel Rodrigo Alsina, e de valor-notícia a partir de Nelson Traquina. A partir da busca por documentários, reportagens, notícias e vasto aporte literário sobre a temática que conta com artigos, teses e resumos acadêmicos acerca do tema abordado, o produto deste trabalho foi realizado em três etapas: a pré-produção, a produção e a pós-produção, método proposto por Sérgio Puccini para a realização de filmes documentais. O discurso documental é constituído de entrevistas com jornalistas atuantes no mercado de trabalho atual, em que esses expõem suas opiniões acerca da produção de pauta sobre maconha de acordo com suas experiências e atuações ao longo de suas carreiras. Justificamos a importância do trabalho apresentado visto que trará a inédita articulação da discussão de teoria da prática jornalística e a problematização da construção de pauta que vira repetição e replicação de estereótipos de ações e de sujeitos sociais. Além destes, o trabalho ainda tem por objetivos problematizar o processo de construção de notícias de veículos de referência e alternativos no Brasil e contribuir com a produção de material de pesquisa sobre a temática, essa, em crescimento e evidência no país, especialmente nas áreas da saúde, da assistência social, e dos direitos civis. O documentário “Dialoganja” tem duração de 14 minutos e conta com as vozes de Celso Duarte, da RBS TV Uruguaiana, Cid Martins, da Rádio Gaúcha ZH, Dave Coutinho, do site *Smoke Buddies*, Débora Lopes, da Vice News Brasil, e Renato Dorneles, do jornal Diário Gaúcho.

Palavras-chave: *maconha; construção da notícia; documentário; jornalismo; diálogo.*

ABSTRACT

This work has the meaning to work the treatment that the daily journalism – so the reference vehicles, as the alternative ones – gives to the construction of the news about weed in Brazil. To proceed the research, a performatic-expositive documentary was made with the will to discuss how are the news about weed being constructed, inially based on the concept of news by Miquel Rodrigo Alsina, and the concept of news value by Nelson Traquina. Based in a search for documentaries, daily and special news, and a large content of academical articles, thesis and abstracts about the research theme, the final product of this work was made in three steps: pré-production, the production and post-production, steps elaborated by Sergio Puccini in order to find a method to build documental movies. This documental speech is filled with interviews with journalists that work on the news area nowadays, due to their opinions about the research object and their experiences in their working area during their careers. This work's importance is justified by a inedit appropriation of the discussion at the theory of the pratical that embases daily journalism, argumenting about the construction of newsguides that turns into repetition and generalization of people and their actions in society. Besides, this project has the meaning, yet, to discuss the process of the news' construction in the reference vehicles and the alternative ones in Brazil, and also has the will to contribute with this area of research in the country, once this object is being more and more studied by researchers on the health area, the social assistance area, and the civil rights. "Dialoganja" is a documentary of 14 miutes and has the interwies of Celso Duarte, from RBS TV Uruguaiana, Cid Martins, from Rádio Gaúcha ZH, Dave Coutinho, from the website *Smoke Buddies*, Débora Lopes, from Vice News Brasil, and Renato Dorneles, from the newspaper Diário Gaúcho.

Keywords: *weed, newsmaking, documentary, journalism, dialogue.*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. OBJETIVOS	11
2.1. Objetivo Geral.....	11
2.2. Objetivos Específicos	11
3. JUSTIFICATIVA	11
4. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	15
4.1 A construção da notícia e a cultura da profissão.....	15
4.2 A narrativa documental e a experimentação	18
5. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS E DESCRIÇÃO DO PRODUTO	21
5.1. Pré-produção	22
5.1.1. Rede Brasil Sul de Televisão (RBS TV)	23
5.1.2. Rádio Gaúcha ZH	24
5.1.3. Jornal Diário Gaúcho	25
5.1.4. <i>Více News</i> Brasil.....	25
5.1.5. SmokeBuddies	26
5.2. Produção.....	27
5.2.1. 2º Seminário Uso de Drogas na Contemporaneidade e Marcha Global da Maconha em Porto Alegre	28
5.2.2. Celso Duarte	29
5.2.3. Débora Lopes	30
5.2.4. Dave Coutinho	31
5.2.5. Cid Martins.....	31
5.2.6. Renato Dorneles	32
5.3. Pós-produção	32
5.3.1 Identidade Visual.....	33
5.3.2. Descrição e montagem do produto	34
6. Avaliação do processo de produção	40
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
8. Referências	46
9. Apêndices	48
9.1. Apêndice A – Roteiro de entrevistas (geral).....	48
9.2. Apêndice B – Roteiro de entrevistas para Dave Coutinho.....	51

1. INTRODUÇÃO

O jornalismo trabalha essencialmente com acontecimentos e fatos sociais que, ora causem impacto social, são transformados em fatos jornalísticos e reportados como recorte da realidade em que se insere o grupo o qual receberá as notícias (ALSINA, 2009; TRAQUINA, 2013). Em suma, toda produção relevante para a sociedade no geral, ou em nichos específicos da mesma, terá oportunidade de ser trabalhada. Neste relatório de projeto experimental de trabalho de conclusão que ora se apresenta, tratamos de uma temática delicadamente recortada de um nicho específico da comunicação: a construção da notícia em torno de um tabu na sociedade – falar sobre maconha nos diversos veículos de comunicação existentes no Brasil.

O título “Dialoganja”¹ surge a partir do neologismo que desenvolvemos através da aglutinação das palavras “diálogo” e “ganja”, sendo esta última um termo para designar maconha em comunidades Rastafári, ou mesmo por usuários de maconha em grande parte do mundo. “Ganja” é uma palavra de origem híndi e seu uso pela comunidade Rastafári serve para designar a planta feminina da *cannabis sativa*. A ideia que o neologismo expressa é da fusão entre os termos e sua aplicação nos objetivos do documentário, fruto deste trabalho.

Por conseguinte, escolhemos o tema devido ao fato de que a sociedade está abrindo portas para essa discussão ao redor do mundo desde 2013, quando o Uruguai legalizou a substância em todo o país e começou a trabalhar na regulamentação do uso por seus habitantes. Nos Estados Unidos, os estados do Colorado e da Califórnia, têm experimentado medidas de abertura sobre a temática. Aprovada a legalização nos dois estados em 2014, falar sobre maconha nos meios jornalísticos estadunidenses é o que tem sustentado periódicos como o *The Denver Post*, que adotou uma coluna específica de opinião acerca da *cannabis*. A inserção do tema no jornalismo é de larga importância para a discussão em sociedade, pois uma vez que abordada de maneira séria, fará a população entender o assunto através de conhecimento jornalístico e científico, desmistificando as ideias existentes no imaginário popular ou simplesmente explicitando causas e efeitos da substância através do discurso jornalístico,

¹ O documentário pode ser assistido através do link: <https://youtu.be/3Mdc3fToVNc>.

indiferente se a favor ou contra, trazendo vozes e experiências para os leitores diários.

No Brasil, a realidade acerca do tema ainda é distante dos casos anteriormente citados. O espaço para falar sobre maconha, ou mesmo sobre políticas de drogas, ainda é pouco explorado no campo jornalístico. Áreas como a saúde pública, o judiciário e a educação, costumam tratar mais sobre o assunto do que a comunicação, visto que há poucos trabalhos científicos sobre a temática na grande área. Ainda assim, é possível encontrar documentários e reportagens sobre o tema, geralmente elaborados por veículos que tratam exclusivamente da informação, como o portal *Smoke Buddies*², produções universitárias que visam o experimentalismo³, ou coletivos de comunicação que costumam produzir conteúdo referente à política de drogas, como o projeto Abra a Gaveta⁴ e como o documentário “Usuários”⁵.

Escolhemos o projeto experimental – documentário – visando maior alcance deste tema para quem estuda sobre. Sabendo que uma monografia, mesmo hospedada em sistema de periódicos *online*, não terá tanto alcance como um documentário, que certamente será visto não somente por alunos de graduação que pesquisam sobre o tema, como também alcançará pessoas interessadas no assunto, sejam consumidores de maconha, ou simpáticos ao tema da abertura na política de drogas. A realização no formato de documentário tem como objetivo a publicação em algum meio de comunicação alternativo (sem fins lucrativos), e a participação no Prêmio Latino-americano de jornalismo sobre drogas, promovido pela *Asociación Civil Intercambios*, além da participação em outras mostras e eventos da área.

Através de documentário performático-expositivo, montamos um discurso que faz a conversa entre os modos de produção jornalística e as crenças desses

² Link para o portal: <http://smokebuddies.com.br/>

³O documentário “Baseado no Brasil”, de 2014, produzido pelos alunos Vinícius Falavigna, Matheus L. Zampa e Bruno Accorsi Garcez, do curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-CAMPINAS), é um produto que aborda o projeto de lei em tramitação no senado que visa a regulamentação e descriminalização do uso da *cannabis* no país. Pode ser visualizado em <https://www.youtube.com/watch?v=x1drfbgGsxw>.

⁴Página veiculada através de uma rede social que produz vídeos e materiais informativos sobre maconha e política de drogas. Link para a página: <https://www.facebook.com/abrasuagaveta/>.

⁵Dirigido por Pedro Mariani, o documentário curta-metragem aborda o uso medicinal, religioso e recreativo de maconha. Pode ser assistido através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=9ui28LQQ0PQ>.

produtores. Especificamente, entrevistamos jornalistas para debaterem o tema e destacar suas visões sobre a abertura do mesmo em relação ao veículo em que trabalham. A construção do discurso se dá a partir da visão desses jornalistas que atuam em redações do jornalismo de referência e de veículos *online* que já estão tratando sobre o tema no Brasil.

Ora, o caráter experimental deste trabalho é baseado na fusão entre dois subgêneros da narrativa documental, o performático e o expositivo, unindo à reflexão proposta a exposição da opinião dos jornalistas e suas vivências com a temática dentro de suas salas de redação. O pensar acerca do fazer jornalístico, a prática em si e a exposição de ideias dos produtores de informação fazem a costura da narrativa de maneira a unir em um mesmo local de fala discussões que antes se encontravam distintas, seja nos documentários ou nas pesquisas em comunicação.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

Produzir um documentário que problematiza a forma como as notícias sobre maconha são construídas pelo jornalismo brasileiro.

2.2. Objetivos Específicos

- Problematizar o processo de construção de notícias de veículos de referência e também de veículos alternativos no que diz respeito a maconha como pauta;
- Apresentar, através do documentário, a opinião de jornalistas atuantes no mercado de trabalho sobre como e quando a maconha é pauta;
- Contribuir com a produção de material de pesquisa sobre o tema no país.

3. JUSTIFICATIVA

A escolha, levando em consideração o caráter subjetivo, do tema e do formato aconteceu a partir do 4º semestre da realizadora na universidade (segunda metade do ano de 2015), ao assistir a série “Narcos”⁶, produção ficcional que aborda o

⁶Série produzida pelo Netflix, aborda a política internacional de drogas com base na história real do traficante colombiano Pablo Escobar e do cartel de drogas de Medellín.

tema da política de drogas na Colômbia, que fora o estopim do interesse na área. Na busca por literatura sobre drogas no campo da comunicação, foram encontrados poucos artigos e livros que tratassem sobre o assunto. No 5º semestre de universidade, ao ler uma entrevista no blog Socialista Morena⁷ com o professor de História da Universidade Estadual de São Paulo, Unesp, Jean Marcel de Carvalho França, autor do livro “História da Maconha no Brasil” que mencionava a dissertação da mestranda da Universidade Federal da Bahia, UFBA, Luísa Saad, intitulada ““Fumo de Negro”: a Criminalização da Maconha no Brasil”, é que surge o interesse para iniciar uma pesquisa acadêmica na área. É neste período, também, que a realizadora escreve o artigo “A maconha como signo e sua representação nos portais G1 e Vice News”, orientado pelo professor Geder Parzianello e apresentado durante evento comemorativo em alusão aos dez anos do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, em que abordam a temática da maconha a partir de uma perspectiva semiológica baseada na literatura de Ferdinand de Saussure. A partir desses eventos, então, intensificamos a procura por trabalhos que tratassem sobre o assunto, seja relacionando racismo e maconha, ou apenas sobre política de drogas.

Observamos, com o passar dos semestres e o intervalo de um ano e meio de pesquisas sobre o tema, que cada vez mais o objeto em questão tem sido estudado academicamente. Conforme Alsina (2009, p. 34), “todo alvo de estudo nasce não somente pela necessidade social de sua existência, mas também porque existe um clima intelectual a favor do seu desenvolvimento”. A atual abertura para discussão da política de drogas no Brasil é o contexto deste clima intelectual a que o autor se refere. Outra questão que reforça a importância da discussão da temática é a reflexão do fazer jornalístico a partir dos agentes do cenário – os próprios jornalistas. É fundamental que haja reflexão dos produtores de informação acerca do modo como seu trabalho tem construído realidades diversas (ALSINA, 2009) acerca de uma temática tão específica, que é a notícia sobre maconha no país.

Ademais, o consumo de notícias sobre maconha aumenta no país. Muitos jornalistas, blogueiros, e mesmo as sessões especializadas de veículos de

⁷Link para o blog: <http://www.socialistamorena.com.br/criminalizacao-da-maconha-e-racismo/>

referência têm colocado a *cannabis* em pauta, porém de maneira diferenciada. É evidente que a maioria dos casos abordados está nas editorias de polícia, relacionados ao crime e à violência gerada pela guerra às drogas, mas jornais como o Estadão, a Folha de São Paulo, e mesmo o programa Globo Repórter, têm cedido seu espaço para falar do uso medicinal, recreativo e religioso⁸ da maconha, ou mesmo sobre os frutos da legalização em países como o Uruguai⁹, os Estados Unidos¹⁰, e recentemente de Israel¹¹, que quer investir na indústria medicinal, produzindo fármacos com a *cannabis sativa*.

Existem diversas formas de falar sobre maconha no Brasil. Optamos por falar sobre a cultura da profissão por não existirem trabalhos que abordem de maneira crítica este lado da temática, que se concentra no produtor e na produção das notícias, questionando a prática jornalística em si e seus movimentos para tecer e construir recortes de realidades quotidianas como a formação de estereótipos e o esvaziamento de debates sociopolíticos na área da segurança pública. A principal motivação para não focar em uma análise discursiva ou de conteúdo a respeito da *cannabis* no jornalismo justifica-se por esta ser a principal abordagem metodológica dos trabalhos produzidos sobre o tema nas áreas afins da comunicação.

Durante a revisão bibliográfica, averiguamos que grande parte dos trabalhos acadêmicos sobre maconha estava nas áreas da saúde, como medicina e psicologia, das ciências humanas, como o direito, e das ciências sociais, principalmente da sociologia, ciência política e o serviço social, além de uma branda contribuição da comunicação e da linguística. O desenvolvimento de medicamentos a partir da *cannabis sativa*, as consequências do uso de drogas por crianças e adolescentes, as condições de trabalho a que se submetem os trabalhadores rurais nas plantações de maconha e a criação de estereótipos que

⁸ Exibido na Rede Globo em 01/07/2016. Pode ser assistido em: <http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2016/07/comunidade-rastafari-mais-fechada-da-jamaica-nao-seque-leis-do-pais.html>.

⁹ Notícia de Julho/2016. Ler em: <http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,maconha-legal-no-uruguai-sera-vendida-em-pacotes-de-10g,10000060903>.

¹⁰ Notícia de Abril/2017. Ler em: <http://economia.estadao.com.br/blogs/radar-imobiliario/um-boom-imobiliario-impulsionado-pela-maconha/>.

¹¹ Notícia de Fevereiro/2017. Ler em: <http://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2017/02/1856226-israel-aprova-exportacao-de-cannabis-medicinal.shtml>.

se manifestam no imaginário popular são os temas mais debatidos dentro desses estudos.

No campo da comunicação, encontramos em maioria reportagens e documentários sobre a temática. Estes produtos comunicacionais versam, em suma, sobre a legalização e descriminalização da maconha no Brasil. Quando desenvolvidas como notícias, ou seja, em textos curtos ou vídeos de até dois minutos, geralmente abordam a temática ‘violência’ ou ‘polícia’, noticiando operações que resultam em prisões de sujeitos por tráfico e apreensões de grandes quantidades da droga. Não há uma reflexão específica sobre essas produções noticiosas no âmbito acadêmico formal.

Nelson Traquina (2013, p.45) afirma que “o jornalismo é uma atividade prática” em que “não há tempo para pensar, porque é preciso agir”. Consideramos o que diz Traquina, visto que o imediatismo pode tornar a prática jornalística essencialmente mecânica, fazendo com que os jornalistas reproduzam mitos e símbolos (TRAQUINA, 2013, p.50), estes incrustados em suas atividades, permitindo que o profissional siga seu trabalho sem uma reflexão um pouco mais aprofundada de certas situações. No caso da maconha e da política de drogas, isso se reflete na já dita banalização do assunto, e justificamos a importância do produto apresentado visto que o mesmo traz a inédita articulação da discussão de teoria da prática jornalística, problematizando a construção da pauta que vira repetição e estereotipia de ações e de sujeitos sociais. Além disso, buscamos entender, também, como cada linha editorial compreende essa estrutura de construção de pauta, e como cada veículo constrói seu discurso em torno de um tema tão ímpar na sociedade e comunidade jornalística, uma vez que não há estudos preocupados com a produção dessa informação: a maioria dos estudos encontrados visa a etapa de recepção e circulação das notícias sobre drogas¹².

¹² Encontramos a dissertação de mestrado em Psicologia Social e Institucional, de Mariane RigattiHartmann, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, intitulada “Representações Sociais e ideologias: o usuário de drogas segundo Correio do Povo e Zero Hora”, de 2013 (link para acesso: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/80075>) e também o trabalho de conclusão de curso intitulado “O Conflito Ideológico no Discurso Sobre Maconha: uma abordagem dialógica de matérias impressas veiculadas na mídia brasileira”, de Caroline Gonçalves da Silva, da Universidade Estadual Paulista (UNESP) campus Araraquara (acesso ao trabalho no link: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/122998/000746689.pdf?sequence=1>).

Estamos sempre buscando informações acerca do que está ocorrendo ao redor do mundo relacionado ao tráfico de drogas e seus impactos na sociedade, que são muitos, uma vez que a rede do tráfico sustenta diversas multinacionais, o tráfico de armas, afiliações políticas e outros setores sociais. Ter noção desse impacto transforma “falar sobre maconha” em luta política, e o objetivo é poder contribuir com o ativismo social relativo à maconha, sem fazer apologia às drogas, apenas imbricando estas discussões.

4. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Apresentamos o referencial teórico-metodológico em dois tópicos. O primeiro aborda a construção da pauta, em que vamos elencar conceitos como cultura da profissão e os valores-notícia, bem como a reflexão acerca dos mesmos quando a maconha é pauta; o segundo tópico trata da literatura de documentário, em que expressamos o conceito de documentário como uma linguagem audiovisual, um modo de construção e expressão de ponto de vista sobre aspectos específicos da realidade.

4.1 A construção da notícia e a cultura da profissão

Para que possamos discutir acerca da construção de notícias sobre maconha, utilizaremos por base o conceito de notícia de Alsina (2009), que nos diz que “a notícia é uma representação social da realidade quotidiana, gerada institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível” (ALSINA, 2009, p.14). O autor também trabalha com a ideia de que a notícia é construída a partir de três pilares: o da produção, da circulação e do consumo (ALSINA, 2009). Abordaremos, neste projeto, principalmente a fase de produção, em que se estabelece uma cultura profissional e uma padronização do fazer jornalístico, orientado por um sistema de mídia que detém um monopólio da construção da notícia, bem como diz Alsina, “a construção de uma realidade social” (2009, p.46).

Outro conceito que abordaremos é o de valor-notícia. Segundo Traquina (2013, p.94), “os valores-notícia são um elemento básico da cultura jornalística que os membros dessa comunidade interpretativa partilham. Servem de óculos para ver o mundo e para o construir”. O valor-notícia é um conjunto de elementos que vão delimitar a atuação do jornalista dentro de uma linha editorial. Esse conjunto de

elementos servirá de instrumento para identificar o que é ou não é notícia. A partir de Pierre Bourdieu (1998), Traquina (2013, p.25) vai dizer que cada jornalista possui um óculos com grau diferenciado, e é isso que vai justificar a maneira diferenciada que os jornalistas vêem o mundo. Essa percepção, que sobressai a vida em sociedade, fazendo com que os jornalistas se integrem em um grupo de nicho, de pessoas que enxergam o que não está posto em primeira visão, construirá o instinto jornalístico, caracterizado pela ação, fator que culmina na construção de um perfil ideal desse profissional, e isto é a cultura da profissão.

Essa cultura profissional e a linha editorial de cada veículo de comunicação são os dois principais fatores que influenciam diretamente na produção de conteúdo jornalístico. Acerca do primeiro fator, Greenwood (1957 apud Traquina, 2013, p.23) vai nos dizer que “o processo de profissionalização leva à criação de uma cultura que requer ajustamentos como pré-requisito para o sucesso na carreira”, ou seja, Greenwood acredita que é necessária a existência de uma cultura profissional, sendo esse o principal atributo de uma profissão, para que se disseminem seus valores e símbolos, sendo esses “crenças básicas e fundamentais, normas de comportamento em situações sociais” e “folclores” que identificam os “estereótipos do bom e do mau profissional” (GREENWOOD apud TRAQUINA, 2013, p.23-24).

Para que estes valores e símbolos se mantenham, o jornalista organiza suas atividades baseadas em um código de seu *ethos* profissional: o código de ética, conjunto de convenções para que se possa exercer um exímio trabalho. Além do código, as leis trabalhistas da constituição brasileira, junto à lei que regulamenta a profissão, normatizam o trabalho, deixando a prática jornalística com características hegemônicas, encaixada nessa visão padronizada da mídia. Traquina (2013) ainda argumenta:

[...]Situações de trabalho são sistemas de interação; as pessoas interagem em séries de relações que são sociais e também técnicas. Através destas interações há definições de papéis, expectativas recíprocas de desempenho de um papel; solidariedade de grupo, e o desenvolvimento e definição de grupos de referência. Como criaturas sociais, as pessoas participam em padrões de ação; falam a linguagem do seu grupo e pensam como pensa seu o grupo. Como indivíduos em grupos, desenvolvem estilos de pensamento a partir de um padrão infinito de resposta a situações comuns (Shoemakerand Reese, 1999 apud TRAQUINA, 2013, p. 22)

Estruturada no pensar e fazer hegemônico, a cultura da profissão acaba fazendo com que o jornalismo siga um padrão congruente na atuação de qualquer profissional da área ao redor do mundo, construindo uma realidade cada vez mais circundada nos interesses de grupos muito peculiares da sociedade, principalmente os detentores de capital, seja este material ou simbólico. Pautas que abordem outras temáticas cotidianas, como o hábito de consumir maconha – seja para fins recreativos, religiosos ou medicinais – e seus respaldos na configuração política de um país, acabam não sendo aproveitadas, em grande maioria, pelos veículos noticiosos de quaisquer natureza (de referência ou alternativo).

Mesmo que ilegal no Brasil, este hábito é cultivado por milhares de pessoas que muitas vezes não sabem como se configura a rede do tráfico de drogas e quais as consequências da criminalização, da proibição, da legalização, e possíveis caminhos a serem tomados a fim de que os países combatam a guerra causada por esse sistema que afeta, em larga parte, as regiões de periferia do país. A escolha para falar ou não sobre essa e outras temáticas é decisão tomada na linha editorial dos veículos de comunicação.

É a linha editorial, junto à cultura da profissão, que vai dar “as armações do óculos” pelo qual o jornalista enxerga a realidade. A lente do jornalista, que é por onde ele vai definir seus valores-notícia, em conjunto com a armação, que vai definir a maneira como se dará a construção de notícias dentro de determinada empresa. Esse formato de fazer jornalístico é o que ocasiona na configuração de um pensar hegemônico dos meios comunicacionais. Traquina afirma que estes acarretam em consequências para a profissão.

Uma das consequências de um “pensamento de grupo” comum é aquilo a que se chama “jornalismo em pacote”, isto é, os fenômenos frequentemente observados de uma legião de jornalistas cobrindo a mesma história da mesma maneira. [...]A tendência dos jornalistas para se seguirem uns aos outros é maior quando as notícias se baseiam em rondas regulares e acontecimentos previsíveis, ou durante a cobertura de crises quando a informação fiável é escassa”. (NIMMO E COMBS (1983) apud TRAQUINA, 2013, p. 26-27)

Mesmo com ideologias particulares, os jornalistas submetem suas produções às exigências da empresa a que prestam seus serviços, sendo controlados, de maneira indireta, através de sanções e recompensas ligadas à postura que assumem dentro da empresa em que trabalham. Warren Breed (1993) justifica esse comportamento, baseado no conformismo e na falta de dinâmicas que incentivem o questionamento da linha editorial de uma empresa, a partir de fatores como o medo de ser sancionado e a vontade de ascender profissionalmente. Breed (1993, p.157) vai dizer que “o medo de sanções, mais do que a sua invocação, é uma das razões que levam ao conformismo, mas não é tão forte como poderia parecer à primeira vista”. Os vetos à produção jornalística aparecerão de maneira indireta e se justificarão de maneira vaga. O alinhamento ao padrão exigido pela profissão se dará pela vontade de ser lido, de ser reconhecido, ou seja, através de “gratificações não remuneradas” (BREED, 1993, p.158), que serão fruto da condição de servir à linha editorial para produzir a maior quantidade possível de notícias que agradem ao público e aos empresários ligados ao veículo comunicacional em questão.

4.2 A narrativa documental e a experimentação

Conforme indica Bill Nichols, “os documentários mostram aspectos ou representações auditivas e visuais de uma parte do mundo histórico” (2005, p.30), uma vez que esse tipo narrativo faz representações de sujeitos, opiniões, ou instituições. O documentário é uma produção audiovisual que vai, a partir da construção de uma narrativa, conciliar imagem, som e as representações que se deseja transmitir em um produto final: o filme.

Cada filme documental possui uma forma de ser contado. Essa forma se designa por “gênero”, que é o formato o qual o cineasta vai escolher para fazer, então, a representação do real. Bill Nichols (2005) vai categorizar em seis tipos os gêneros possíveis para se construir um documentário, sendo eles passíveis de serem utilizados paralela ou conjuntamente. Destes seis formatos, escolhemos para a realização de nosso documentário apenas dois, o performático e o expositivo, gêneros que ao serem trabalhados concomitantemente produzem o sentido de uma narrativa experimental.

Acerca do gênero expositivo, Nichols vai argumentar que este “agrupa fragmentos do mundo histórico numa estrutura mais retórica ou argumentativa do que estética ou poética” (2005, p.142), ou seja, a partir da exposição de opiniões e pontos de vista de pessoas a serem entrevistadas, junto a narrações que darão sentido a essas entrevistas. O gênero performático, enfatiza ele, “tenta demonstrar como o conhecimento material propicia o acesso a uma compreensão dos processos mais gerais em funcionamento na sociedade” (2005, p. 169), e agrega caráter mais subjetivo e reflexivo à narrativa documental.

O sentido que conferimos ao filme baseia-se muito no que Consuelo Lins e Cláudia Mesquita caracterizaram como “a intersecção da videoarte com as artes plásticas” (2008, p. 58). As autoras observam como essa intersecção se apropria de métodos das artes para a construção da experimentação no audiovisual.

Obras que se renovam a partir de estratégias extraídas da arte contemporânea e que propiciam outras maneiras de se relacionar com imagens em movimento, redefinindo temporalidade, espaço, narrativa e impondo modificações à interação do espectador. (2008, p.58)

Empregamos, a partir dessa perspectiva, uma alusão à quebra da quarta parede na construção narrativa do filme, a partir da voz *over*, ou seja, da locução do filme. A quarta parede é um conceito teatral que se refere ao público espectador, e a quebra da quarta parede ocorre no momento em que o realizador da peça (ou, em nosso caso, da narração do documentário) se dirige ao espectador e convida-o a participar do que está acontecendo na narrativa.

A definição de cinema experimental ainda é um tanto vaga, calcada apenas em características que ultrapassam aquelas do cinema não-experimental, sem preocupação com formalidades conceituais (PARENTE, 2000, p.89). Lins e Mesquita (2008) defendem o cinema experimental não a partir de seus objetivos para representar o real.

Ainda que nem sempre cheguem à grande tela do cinema, há na atualidade uma série de experimentos [...] que têm como objetivo permitir e estimular a elaboração de representações de si pelos próprios sujeitos da experiência, aqueles que eram – e são ainda – os objetos clássicos dos documentários convencionais, indivíduos de um modo geral apartados

(por sua construção social) dos meios de produção e difusão de imagens.
(LINS E MESQUITA, 2008, p.38)

Pela ideia de experimentação apresentada por Lins e Mesquita, acrescentamos o que Parente aborda como característica expressiva de filmes experimentais europeus e norte-americanos. Estes filmes, segundo Parente, buscam “romper com os limites do realismo americano da imagem-ação, mas também de levar à consciência mecanismos inconscientes do pensamento” (2000, p.100). Ora, buscamos utilizar essa característica ao passo que incluímos na narrativa efeitos sonoros que recordam sons de chiado de televisão e rádio, bem como efeitos sonoros de isqueiro sendo aceso e papel sendo queimado, bem como de pessoas folheando jornais, efeitos estes que fazem alusão tanto à prática jornalística como ao hábito de fumar maconha, ambos motes para a construção deste filme.

Para a construção do documentário baseamo-nos em produtos audiovisuais relacionados à temática. As buscas por estes produtos audiovisuais foram feitas nos sites *YouTube* e *Netflix*. Os filmes “Baseado no Brasil” (2014), de Vinícius Falavigna, Matheus L. Zampa e Bruno Accorsi Garcez; “Cortina de Fumaça” (2010), de Rodrigo Mac Niven; “Usuários” (2014), de Pedro Mariani; “Dirijo” (2010), produzido pela Organização dos Professores Indígenas de Mura, Instituto Nacional de Pesquisas na Amazônia, Núcleo de Pesquisas com Ciências Humanas e Sociais e Telephone Colorido; “Rolling Papers” (2015), de Mitch Dickman; “Quebrando o Tabu” (2012), de Fernando Grostein Andrade e Cosmo Feilding-Mellen; entre outros, dentro de uma larga produção independente e em ascensão ao longo da década de 2000 e, principalmente, 2010, foram usados como referência para a produção de imagens e conteúdo do documentário.

A década de 2010 tem sido extremamente favorável ao diálogo sobre maconha na mídia. A *cannabis sativa* nunca fora tão mencionada quanto hodiernamente, porém o que se lê, assiste e ouve sobre maconha nem sempre é o que precisa ser dito sobre ela. Geralmente associada ao tráfico e à violência pelo caráter ilegal desta substância, a maconha ainda é um tabu na sociedade devido ao histórico de produção de estereótipos de seus consumidores, construído pelo discurso jornalístico brasileiro principalmente da década de 1950, que julgava os consumidores da erva como “desordeiros” (MacRae e Simões, 2004, p.22), e da

década de 1960, que relacionou o consumo à contracultura e a cultura do jovem (Ibidem), ideais partilhados por grande parte do mundo ocidental a fim de questionar e revolucionar o *establishment* da época.

Ao passo que tomamos conhecimento dos equívocos daquela época, e as repetições dessa formação discursiva no jornalismo atual – que mesmo expandindo seus limites ao alcançar editoriais além da “polícia” – visualizamos o potencial em explorar a maneira como esses discursos são construídos através de seus próprios produtores: os jornalistas. O documentário visa dialogar com os personagens acerca da temática da maconha, a partir da visão de quem produz sentidos à realidade diária e expondo essas opiniões para compreendermos a forma como ela é pautada nos diversos meios.

Todo esse processo visa tornar “visível e audível [...] a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta” (NICHOLS, 2005, p.16), até porque ao falar sobre maconha lidamos diretamente com um tabu que está afora à comunidade jornalística, além de tocarmos no cerne de tudo, que é a maneira como este tabu se constrói e de que forma a notícia sobre a *cannabis sativa* acaba por ser marginalizada tal qual a prática de consumi-la.

5. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS E DESCRIÇÃO DO PRODUTO

Desenvolvemos o projeto do documentário Dialoganja em três etapas que ocorreram durante os componentes curriculares de Metodologia da Pesquisa em Comunicação (etapa um), Trabalho de Conclusão de Curso I (etapa dois) e Trabalho de Conclusão de Curso II (etapa três). Desenvolvemos a construção de anteprojeto (etapa um) e projeto de pesquisa (etapa dois) para a produção do documentário (etapa três). Produzimos um roteiro de entrevistas e executamos o teste de roteiro em entrevista com a fonte Celso Duarte. Houve, também, captação de recursos para realização do documentário através de campanha de arrecadação de fundos entre amigos e conhecidos da realizadora. Captamos imagens externas e internas, além das entrevistas em três cidades de dois estados diferentes, posteriormente citadas. Gravamos voz *over* em estúdio para preservação da

qualidade do áudio. Produzimos imagens em estúdio e pesquisamos imagens e áudios de arquivo para cobertura das sonoras e voz *over*. Produzimos o pré-roteiro de edição que serviu – posteriormente – como guia para a montagem e edição do documentário. Também refinamos este pré-roteiro para a produção do roteiro final. Por fim, houve a escrita do relatório de projeto experimental e defesa pública do projeto em banca. O período de realização das atividades foi de Agosto de 2016 (início da construção do anteprojeto) a Dezembro de 2017 (mês em que se realiza a defesa pública do projeto).

A produção do documentário se deu, também, em três momentos, conforme orienta Puccini (2009): a pré-produção, a produção, e a pós-produção. Cada momento da produção possuiu suas especificidades, como a pesquisa bibliográfica e busca por referências e fontes ligadas à temática (pré-produção), a filmagem das entrevistas e de imagens de apoio e cobertura, bem como a busca por imagens de arquivo (produção), e a montagem do filme, junto à produção do roteiro final (pós-produção).

5.1. Pré-produção

Abordamos, de maneira expositiva e reflexiva, os métodos de construção de notícias sobre maconha em empresas jornalísticas do Brasil selecionadas durante a pré-produção do documentário a partir da perspectiva de jornalistas vinculados a essas empresas. Selecionamos as empresas Rede Brasil Sul de Televisão (RBS TV), Rádio Gaúcha ZH (vinculada ao grupo RBS), Jornal Diário Gaúcho (também vinculado ao grupo RBS), *Vice News Brasil* e *Smoke Buddies* considerando a abordagem que as mesmas dão às pautas que envolvem a maconha. Também consideramos critérios específicos de cada empresa, uma vez que estas possuem linhas editoriais distintas e podem habitar áreas distintas no que diz respeito à abrangência de sua informação. No caso das empresas selecionadas, estas fazem parte do jornalismo dito de referência¹³, que trabalha com *hard news* e com a

¹³ Entendemos por jornalismo de referência todo aquele que, conforme coloca Zamin (2014, p.931), serve como referência para outras produções devido a critérios como a credibilidade, tiragem e circulação do veículo, além do prestígio e do reconhecimento por um público leitor que, de forma geral, encontra-se na elite cultural e econômica.

comunicação de massas, e do jornalismo alternativo¹⁴, que foca seus interesses em nichos específicos da sociedade, abordando determinados assuntos de maneira mais aprofundada.

Os veículos que competem à área do jornalismo de referência são a RBS TV, a Rádio Gaúcha ZH e o jornal Diário Gaúcho, sendo os três vinculados ao grupo RBS, cada um atuando em seus diversos formatos (televisão, rádio, jornal impresso e web) e abordando a maconha, na maior parte do tempo, como uma pauta da editoria de segurança pública; competem à área do jornalismo alternativo as empresas *Vice News Brasil* e o *Smoke Buddies*, que atuam como revistas eletrônicas, o primeiro focado em notícias acerca do universo jovem, *fâit divers*, arte e entretenimento, abordando com diversidade as pautas sobre maconha, e o segundo é um site jornalístico especializado em conteúdo sobre maconha, abordando as pautas da *cannabis* a partir de diversas editorias (política, ativismo, cultura, literatura, saúde).

5.1.1. Rede Brasil Sul de Televisão (RBS TV)

Escolhemos um profissional da RBS TV, em específico de sua filial na cidade de Uruguaiana, uma vez que é a principal emissora a fazer coberturas jornalísticas televisivas na região da fronteira-oeste, a qual nossa universidade está inserida. Celso Duarte, o jornalista que selecionamos para a entrevista, é coordenador de jornalismo na emissora, além de ser apresentador e repórter do telejornal Jornal do Almoço (JA), exibido de segunda a sábado ao meio-dia. O JA trabalha essencialmente com notícias de importância a nível estadual, regional e local.

A RBS TV possui 12 emissoras no Rio Grande do Sul, com sedes em 12 cidades diferentes do estado. A filial de Uruguaiana cobre toda a região da fronteira-oeste, sendo as principais cidades de cobertura Uruguaiana, Alegrete e São Borja. Por estar situada no limite entre Brasil e Argentina, esta região faz parte da rota de passagem de drogas e armas ilegais oriundas de crimes ligados ao tráfico, o que gera movimentação em torno de operações da Polícia Federal e da Polícia Civil,

¹⁴ Por jornalismo alternativo podemos compreender o que diz Alexandre Haubrich (2017) que no artigo publicado pela Intercom “O megafone das lutas populares: a história da mídia alternativa no Brasil” caracteriza este ramo do jornalismo como aquele que dá voz aos movimentos populares e que vão de encontro com os pensamentos elitistas e mercadológicos que dão base ao jornalismo de referência.

ações que, conseqüentemente, serão noticiadas. Este é o tipo de abordagem mais recorrente quando a maconha é pauta nesta emissora.

Devido ao número restrito de repórteres na equipe do Jornal do Almoço uruguaianense, às distâncias percorridas para que possa haver cobertura noticiosa acerca das cidades de abrangência da emissora, e também em decorrência do tempo de exibição do programa¹⁵, o principal valor-notícia utilizado para a produção das pautas sobre maconha é a infração. Nelson Traquina, quando se refere à infração, a caracteriza como um critério que engloba “sobretudo a violação, a transgressão das regras” (2013, p.85).O autor ainda chama atenção que este critério de noticiabilidade está quase sempre ligado a outro valor-notícia, o da violência, uma vez que ambos critérios relacionam-se estritamente com a criminalidade, e esta, por sua vez, torna-se notícia por sua permanência e recorrência (ibidem).

5.1.2. Rádio Gaúcha ZH

Operando em frequência AM desde 1927 e, a partir de 2008, transmitida também pela frequência FM, a Rádio Gaúcha possui uma trajetória de noventa anos, tendo sido incorporada ao grupo RBS trinta anos após o início de suas atividades¹⁶. Atualmente, a rádio Gaúcha trabalha de maneira integrada com a redação do jornal Zero Hora. Para evitar o espalhamento de notícias falsas, o grupo RBS tomou a iniciativa de montar um grupo de investigação (GDI)em jornalismo para a produção de reportagens mais aprofundadas. A integração das redações, bem como a criação do GDI, ampliou os horizontes da prática jornalística na empresa e trouxe diversidade temática para as pautas, principalmente as relacionadas à maconha.

Escolhemos esta emissora de rádio por seu tempo de existência e pela importância de sua atuação no estado. Selecionamos como uma das vozes do documentário o jornalista Cid Martins, que trabalha para o grupo RBS desde 2001 fazendo reportagens policiais e investigativas. Cid é o quinto profissional mais

¹⁵As produções noticiosas do Jornal do Almoço de Uruguaiana são exibidas em um bloco destinado às filiais por região do estado, e dividem espaço com o programa apresentado ao vivo da sede em Porto Alegre, sendo este transmitido para todo o estado.

¹⁶Informações podem ser encontradas no seguinte link:

https://pt.wikipedia.org/wiki/R%C3%A1dio_Ga%C3%BAcha

premiado do Brasil, e uma de suas reportagens premiadas possui a maconha como tema: uma série de reportagens radiofônicas acerca dos caminhos da legalização da maconha no Uruguai, em que o jornalista desmistifica boatos a respeito do processo de regulamentação e liberação do uso da maconha naquele país. A série “caminhos da maconha no Uruguai” recebeu o primeiro lugar da premiação da Associação Riograndense de Imprensa (ARI), em 2014, na categoria reportagem geral em radiojornalismo.

5.1.3. Jornal Diário Gaúcho

Caracterizado como um jornal popular, o Diário Gaúcho (DG) é um periódico impresso diário criado no início da década de 2000 e distribuído na Região Metropolitana de Porto Alegre, que segue o modelo dos tablóides britânicos¹⁷. O DG possui um diferencial em relação aos outros veículos do jornalismo de referência que selecionamos: por ser um jornal popular, as temáticas trabalhadas em suas pautas são ornamentadas a uma escrita simples, com pouco aprofundamento em determinadas temáticas, especialmente no que diz respeito à *cannabis* e à política de drogas.

Escolhemos o jornalista Renato Dorneles devido à sua trajetória profissional. Dorneles é jornalista há 31 anos, e, desde a implementação do jornal no ano 2000, trabalha como repórter e colunista. O trabalho desenvolvido na área policial e de segurança pública rendeu frutos como escritor de livro e documentarista. Renato é autor do livro-reportagem *Falange Gaúcha: a História do Presídio Central*; roteirista do curta-metragem *Poder Entre as Grades*, e roteirista e co-diretor do documentário *Central*, ambos os filmes inspirados em seu livro.

5.1.4. Vice News Brasil

Instalada no Brasil, na cidade de São Paulo, em 2010, a empresa canadense *Vice Media* nasceu no ano de 1994 como uma revista no estilo *fanzine*, que costumava ser “pautada pela cultura alternativa, sempre com um tom crítico e descontraído” (Pedrini e Carvalho, 2017, p.5). Temáticas relativas ao universo jovem, bem como arte, política, tecnologia, sexualidade e o consumo de drogas

¹⁷As informações podem ser encontradas no link:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Di%C3%A1rio_Ga%C3%BAcho

são recorrentes nos materiais jornalísticos publicados. Atualmente, a Vice Media possui filiais em mais de trinta países, e divulga seus materiais através da sua plataforma digital, de revistas impressas, programas em canais de televisão (Vice Land, HBO) e via redes sociais. No Brasil, a Vice não publica a revista impressa, fazendo uso apenas dos canais digitais de divulgação de conteúdo.

Para contribuir ao Dialoganja, selecionamos a jornalista Débora Lopes devido a sua recente e expressiva trajetória profissional. Débora iniciou carreira na profissão em 2011, e desde 2012 atua na Vice Brasil como repórter e apresentadora. Sempre teve afinidade pelo universo *punk* e o meio musical, buscando trazer estas temáticas para o universo jornalístico. Costuma trabalhar com pautas relativas à música, arte, fotografia e direitos humanos. No ano de 2016, Débora conquistou o segundo lugar no quinto prêmio Latinoamericano de Periodismo Sobre Drogas com a reportagem Cinco dias com ela: tratando o vício em drogas com ibogaína, em que acompanhou o tratamento de dependentes químicos, baseado na proposta de redução de danos, a partir do uso dessa planta africana, a ibogaína.

5.1.5. SmokeBuddies

O *Smoke Buddies* é uma revista eletrônica diária, produzida no Rio de Janeiro e que conta com colaboradores da cidade de São Paulo e também da República Oriental do Uruguai, especializada em notícias sobre maconha. Em primeiro momento, um grupo de amigos reuniu-se com a intenção de montar um fórum online para debater ideias relativas à maconha e à política de drogas. Uma vez criado, o fórum passou a ter cada vez mais maconheiros interessados em participar, entender e compartilhar informações acerca das implicações do consumo de maconha, dos desdobramentos sociopolíticos deste ato, bem como trocar curiosidades sobre o assunto. Em 2011, a lei ainda considerava apologia às drogas participar de marchas e manifestações pela maconha, ou mesmo promover notícias que falassem abertamente sobre a *cannabis* e outras substâncias ilegais. Mesmo inseridos neste cenário, estes amigos idealizaram o projeto de fundar um site de notícias sobre maconha, inspirados pelo trabalho de veículos como a revista argentina THC e a espanhola *Cañamo*, e inspirados também – principalmente – pela escassez de produções noticiosas sobre maconha no Brasil.

Entrevistamos David “Dave” Coutinho, um dos fundadores do *Smoke Buddies*. Dave possui formação em Direito e trabalhava na área de defesa do consumidor. Descontente com esta profissão, ele buscava uma atividade a qual pudesse se identificar e exercê-la com apreço. Ele é usuário de maconha e sempre esteve envolvido nas manifestações em prol da legalização da substância. David é produtor do que convencionou-se chamar “Jornalismo Canábico”, movimento recente no país e carente de literatura a respeito da categorização ou teorização do que seria esta nova vertente jornalística. Diferente do ativismo midiático, o jornalismo canábico se posiciona como jornalismo e não como ativismo por sua linguagem, a abordagem dada aos temas em volta da maconha, e, justamente, por se utilizar dos valores-notícia jornalísticos, o que muitas vezes não compete ao ativismo midiático.

Selecionamos Dave, mesmo que não tenha formação na área de Jornalismo, devido a importância de seu trabalho no meio canábico. O *Smoke Buddies* é referência em notícias sobre maconha, com um vasto aporte informativo a respeito da erva, de seu consumo, e das consequências da criminalização da mesma para a sociedade.

5.2. Produção

As atividades que concernem ao período de produção são a captação de todas as entrevistas, que ocorreram nos meses de junho, julho e agosto, bem como o registro de imagens originais feitos nas cidades de Guarulhos (São Paulo), Porto Alegre (Rio Grande do Sul), São Borja (Rio Grande do Sul), São Paulo (São Paulo) e Uruguaiana (Rio Grande do Sul).

Houve também captação de imagens e de áudios do 2º Seminário Uso de Drogas na Contemporaneidade, sediado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e captação de imagens e de áudio da Marcha da Maconha de Porto Alegre. Estes eventos ocorreram entre os dias 03 e 06 de maio.

Nos meses de junho e julho, coordenamos uma campanha de arrecadação de valores em dinheiro e de empréstimo, ou doação, de materiais para a realização das gravações de entrevistas que foram feitas na cidade de São Paulo, divulgada pelo perfil da realizadora em uma rede social. A arrecadação em valores reuniu um

montante de mil reais, que custearam a passagem de ida e volta, bem como a aquisição de um mini-tripé, um tripé, cartão de memória e fone de ouvido, além do dinheiro gasto com a locomoção na capital paulista. Além dos recursos financeiros, as doações e empréstimos também obtiveram sucesso. Foram recebidos em doação um tripé e um gravador de voz, assim como foi feito o empréstimo de uma segunda câmera para a gravação de cenas em ângulos diferenciados.

No mês de outubro também foram produzidas imagens de cobertura em estúdio e em uma relojoaria da cidade de São Borja. Para as imagens de estúdio foram produzidos cigarros cenográficos de orégano, simulando cigarros de maconha, e foram feitas imagens posadas com jogos de luz e filtros diferenciados, bem como imagens desses cigarros entre jornais e revistas que possuem a temática da maconha. Nas imagens produzidas na relojoaria, filmamos relógios indicando diferentes horários do dia para ilustrar a passagem do tempo, elemento que surge na narrativa para fazer alusão à rapidez da informação jornalística.

Para gravarmos as entrevistas, utilizamos uma câmera Canon *PowerShot SX 520 HS*. Por ser uma câmera fotográfica semi-profissional, a qualidade das imagens é bastante reduzida. Este aspecto, e bem como outras escolhas estéticas, dá ao filme um tom amador.

5.2.1. 2º Seminário Uso de Drogas na Contemporaneidade e Marcha Global da Maconha em Porto Alegre

No período de pré-produção, em virtude de evento não-programado pela produção do documentário, é que demos início à captação de imagens de nosso filme. Entre os dias três e cinco de maio, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) sediou o 2º Seminário Uso de Drogas na Contemporaneidade, em que diversos pesquisadores reuniram-se em painéis, debates e – principalmente – trocas e vendas de livros oriundos do trabalho de acadêmicos e ativistas de causas como a legalização da maconha, a descriminalização do consumo de substâncias ilícitas, o estudo do uso de substâncias ilegais para a redução de danos causados por patologias ou consumo de drogas pesadas, e mais uma infinidade de assuntos relacionados ao universo da *cannabis* e de outras substâncias que podem ser utilizadas tanto como fármacos, quanto recreacionalmente. Aproveitamos mais o

conteúdo teórico compartilhado oralmente entre os acadêmicos do que as próprias imagens captadas. A primeira edição do seminário ocorreu no ano de 2010, e a comissão organizadora não conseguiu registrar nenhum dos painéis que ocorreram na época, tendo perdido muito conteúdo rico nessa discussão que é ínfima, mas vem tomando forma e deixando de ser tão branda. Os registros que fizemos foram de suma importância para a organização do evento e para a continuidade da execução deste seminário, um dos poucos espaços no Rio Grande do Sul em que se consegue discutir política de drogas pelo viés humano, psíquico, histórico, linguístico e sociopolítico.

No dia seis de maio, ocorreu a Marcha Global da Maconha em Porto Alegre. Neste mesmo dia, a marcha ocorreu em outras 420 cidades ao redor do mundo. Desde 2006 há tentativas de organizar a marcha da maconha na capital gaúcha, porém problemas com a mídia local e as autoridades policiais tornaram inviável a organização desta manifestação popular. Alguns dos organizadores chegaram a ter seus telefones grampeados e a responder processos sob a alegação de apologia às drogas. Foi a partir de 2011 que o movimento da marcha da maconha passou a ser menos reprimido e a ganhar voz na sociedade. Nos dois últimos anos, a marcha da maconha passou a contar, para além da presença dos ativistas mais ferrenhos, com a participação da juventude de periferia, ato importante para demarcar locais de vozes dentro deste movimento, que surgiu na elite carioca no início da década de 2000. As imagens produzidas durante a marcha versaram tanto acerca da passeata em si, como dos cartazes empunhados pelos manifestantes, do consumo da erva em celebração e pedido pela legalização tanto por causas medicinais, como religiosas e recreativas.

5.2.2. Celso Duarte

Realizamos a entrevista com Celso Duarte em primeiro de Junho, ainda no período que conferia à pré-produção. Encontramo-nos com Celso no estúdio de gravação do Jornal do Almoço de Uruguaiana. Em virtude das enchentes ocorridas nas cidades de Itaqui, São Borja e Uruguaiana, Celso estava bastante atarefado no dia da entrevista e tivemos de esperar por uma brecha entre os horários do entrevistado. Enquanto esperávamos, produzimos imagens de apoio e cobertura

nas instalações da RBS TV. As imagens da cidade de Uruguaiiana foram feitas por Giulia Junges posteriormente.

Ao decorrer da entrevista, Celso não poupou detalhes de como ocorria a produção na RBS TV Uruguaiiana, e enfatizou diversas vezes que, para que o JA uruguaiianense aborde a maconha fora da editoria de polícia, seria preciso que as cidades da fronteira-oeste se mobilizassem pela causa da legalização, ou em caso de eventos acadêmicos com a presença de especialistas sobre a erva ou sobre política de drogas. Segundo Celso, a maconha sempre é vista junto a outras drogas, e como é muito mais corriqueiro o acontecimento decorrido de crime relativo ao tráfico de maconha, e pela urgência de outras pautas que se sobressaem por valores-notícia como a relevância, o tempo, e a regionalidade, é muito difícil que, na RBS de Uruguaiiana, a maconha seja abordada por outra perspectiva além da criminal.

A entrevista durou cerca de 56 minutos, foi gravada em primeiro plano, com alguns momentos sendo registrados em outra câmera que pegava uma imagem geral de Celso conversando conosco.

5.2.3. Débora Lopes

A segunda entrevista registrada foi a de Débora Lopes, primeiramente gravada em 19 de julho, na cidade de São Paulo. Débora nos recebeu na sede da Vice Brasil, localizada na zona sul da cidade. Conversamos muito, tomamos café, ela nos guiou pela redação, fizemos imagens de apoio e cobertura, e tivemos uma entrevista muito agradável e fluída. Porém ao copiar os arquivos para o computador, o cartão de memória foi corrompido, e perdemos todo o registro de uma entrevista de mais de uma hora, fora diversas imagens feitas na cidade de São Paulo, que seriam usadas para cobrir a *voz-over* do documentário.

Assim que nos demos por conta deste ocorrido, já entramos em contato com Débora e marcamos nova entrevista. Ela foi bastante solícita, porém a segunda versão já não estava como a primeira, o que acabou nos frustrando, apesar de o conteúdo da segunda entrevista ter sido tão completo quanto o da primeira. Gravamos a segunda entrevista no dia 26 de julho, tomando todas as precauções necessárias para que o arquivo não corrompesse novamente.

5.2.4. Dave Coutinho

Apesar do *Smoke Buddies* ser um site carioca, a entrevista com Dave ocorreu na cidade de São Paulo, no dia 28 de julho, em virtude do baixo orçamento de nossa produção e pela disponibilidade do entrevistado em estar na cidade em decorrência da sua participação no *Ganja Talks*, evento destinado a apresentar projetos relacionados à *cannabis*, como o *Smoke Buddies*, que ocorreu no dia seguinte à entrevista. Devido ao alto preço do ingresso, não pudemos participar desta interação no meio canábico.

A entrevista com Dave aconteceu no apartamento de um amigo, uma vez que o *Smoke Buddies* não possui uma empresa física, trabalhando com *home office* e colaborações à distância. Conhecemos boa parte da equipe do *Smoke Buddies* do Rio de Janeiro e de São Paulo, bem como outros amigos que apareceram no apartamento e que possuem projetos relacionados à *cannabis*. Dave estava muito curioso para saber de nosso projeto, e enfatizou que ele não costuma dar entrevistas em vídeo, até pelo perfil de horizontalidade do *Smoke Buddies*, em que não há uma liderança do grupo, todos trabalham de igual para igual, porém ele acreditou muito em nossa pesquisa e parabenizou a iniciativa.

Como o *Smoke Buddies* é um veículo especializado em maconha, fizemos algumas alterações no roteiro de entrevistas para que ele fizesse sentido no contexto de Dave. A principal pergunta do roteiro – “em que circunstâncias a maconha é pauta?” – foi alterada por “você costumam abordar outras temáticas além da maconha em suas pautas?”. Perguntas relativas ao ativismo, ao surgimento da revista, e às mobilizações ligadas à marcha da maconha foram adicionadas para que pudéssemos compreender melhor o processo de produção a que as notícias do *Smoke Buddies* estão submetidas. A duração da entrevista foi curta, pois Dave foi bastante objetivo em suas respostas. Tivemos um material de 35 minutos, além de imagens de apoio e cobertura.

5.2.5. Cid Martins

Entrevistamos Cid Martins na sede da rádio Gaúcha ZH em Porto Alegre, no dia 10 de agosto. A entrevista havia sido marcada para o dia anterior, porém Cid teve uma coletiva de imprensa e não pode nos atender. No dia em que gravamos, ele tinha apenas uma hora para nos atender, pois precisava sair para um

compromisso. A entrevista teve de ser interrompida por duas vezes: uma para que ele fosse bater o ponto, e outra em virtude de uma ligação importante. A entrevista durou cerca de 50 minutos, e Cid apontou uma questão não muito abordada por outros entrevistados: a questão da saúde mental. Ele frisou a importância de se falar sobre os efeitos da maconha para a nossa saúde e da importância de o jornalismo se livrar de preconceitos no que diz respeito à erva, de falar com mais seriedade, sem jogar com os estereótipos. Devido ao curto tempo de Cid para nos atender, não pudemos fazer muitas imagens dentro da redação.

5.2.6. Renato Dorneles

Fomos recebidos por Renato na sede do Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul, no centro histórico de Porto Alegre, em uma manhã chuvosa de 11 de agosto. Conversamos brevemente, tomamos um café e iniciamos a entrevista, que aconteceu na sala do presidente do sindicato, o que trouxe alguns ruídos que atrapalharam o andamento da entrevista. Renato, assim como Cid, trouxe questionamentos que outros entrevistados não chegaram a se aprofundar em suas falas: a questão do sistema carcerário gaúcho, de extrema importância para o entrevistado uma vez que tem exímios trabalhos publicados a respeito do tema. Renato falou, também, sobre a atual política de drogas do país e sobre racismo.

Também gravamos esta entrevista em pouco tempo: a duração foi de 32 minutos, porém a conversa foi fluida e pontual. Fizemos poucas imagens de apoio no sindicato devido ao fluxo de pessoas que lá estavam e ao fato de o local não ser muito grande.

5.3. Pós-produção

A partir do material bruto, que conta com quase quatro horas de entrevistas, e cerca de 200 gigabytes de material em vídeo, foi feita a seleção, a partir do roteiro de entrevistas, dos pontos mais importantes da entrevista, sendo estes decupados e analisados para a construção do discurso documental. Devido ao limite máximo de 15 minutos de filme, a questão da cultura da profissão, que seria abordada de maneira mais concreta pela realizadora, acabou ficando de lado. Preferimos montar o documentário a partir das falas mais pontuais a respeito da maconha como pauta

nas empresas em que os personagens atuam, bem como de suas visões particulares a respeito do assunto¹⁸.

5.3.1 Identidade Visual

Para a identidade visual do documentário desenvolvemos uma logo simples que contemple a ideia que “Dialoganja” expressa.



Figura 1 - Logotipo criado para o documentário

Assim sendo, o logotipo que desenvolvemos une dois símbolos: a claquete de vídeo, que faz menção ao audiovisual, e as folhas, que são cinco, representam o número de entrevistados e – também – remete à folha da planta da maconha. O logotipo aparece em uma versão animada, produzida no programa Adobe After Effects, ao início do documentário.

O gerador de caracteres (GC) foi criado a partir de um modelo pronto, disponibilizado gratuitamente na internet, em que alteramos apenas as cores e fonte adaptando à identidade visual do documentário. Ele foi criado e adaptado no programa Adobe After Effects, e possui animação ao entrar em tela.

¹⁸ Nos apêndices, localizados a partir da página 48, é possível conferir de que forma montamos o roteiro de entrevistas e como o adaptamos para o entrevistado Dave Coutinho.



Figura 2 - Inserção do GC em tela

Utilizamos para todas as inserções em texto (tanto nos geradores de caracteres, como nas informações gráficas e no logotipo do documentário) a fonte Solomon Sans Bold. Optamos por esta fonte por ser legível, sem serifa, moderna, e de acordo com o sentido do documentário.

Solomon Sans Bold

ACEIÂÇËÎĀČĎĚĽŇŽ | aceiãçëîâčďěľňž | 0

Fundamentally, computers just deal with numbers. They store letters and other characters by assigning a number for each one.

Figura 3 - Ilustração da família da fonte SolomonSansBold

Já para as cores, tivemos de adaptá-las para que se adequassem à legibilidade na tela, ao fundirem-se às imagens. O preto e o branco, cores neutras, deixaram as informações gráficas mais visíveis e legíveis na tela. Utilizamos também a cor verde, em determinados momentos, pela remissão à cor da planta da maconha e pela quebra com a neutralidade monocromática do logotipo e das informações que se inserem na tela ao longo do filme.

5.3.2. Descrição e montagem do produto

Dialoganja é um documentário de 13 minutos e 56 segundos que aborda, de maneira expositiva e performática, os métodos adotados pelas empresas

jornalísticas acima citadas da atual construção de notícias sobre maconha no país. Baseado em outros documentários que tratam dessa temática, nosso filme trabalha a relação “artista e obra” a partir da perspectiva “jornalista e notícia”, propondo aos entrevistados que façam reflexões acerca da produção de notícias sobre maconha nos veículos em que trabalham e como vêem a questão da pauta sobre maconha nos demais veículos noticiosos. O documentário está estruturado nos seguintes blocos¹⁹: apresentação das fontes, quando a maconha está em pauta, a abordagem da erva nas diversas áreas do jornalismo, e desdobramentos da discussão na sociedade.

Editamos o filme no *software* Adobe Premiére Pro CS5.5, utilizando o After Effects, outro *software* da Adobe, para animar os geradores de caracteres e a logo ao início do filme. As entrevistas de Celso Duarte e Débora Lopes passaram por tratamentos de imagem como correção de brilho e de contraste.

A primeira inserção de voz *over* ocorre já ao primeiro segundo do filme, com a seguinte fala “E aí, vamo fechar?”, que remete a uma expressão utilizada por jovens brasileiros para referir-se a um relacionamento que se pretende concretizar. Adaptada ao sentido do documentário, e também à utilização desta expressão por usuários de maconha, “e aí, vamo fechar?” tem o sentido de “fechar o beck”, ou seja, o cigarro de maconha, e realizar o ato de fumá-la. Conforme a frase é proferida, ao fundo aparece imagem própria, produzida pela realizadora em estúdio, de cigarros cenográficos de orégano simulando cigarros e maconha, formando o símbolo da folha da *cannabis*. As imagens que seguem são de pessoas dichavando²⁰, enrolando e fumando os cigarros de maconha. Estas imagens foram produzidas pela realizadora quando na ocasião da Marcha Global da Maconha, e, também, em situações do ambiente privado da realizadora.

Após estas imagens, inserimos uma vinheta em que é possível ver a aplicação das cores selecionadas para o filme (preto, branco e verde). A vinheta consiste em um título em texto com a palavra “Dialo”, que divide espaço da tela com um vídeo, feito pela realizadora, de uma pichação da palavra “Ganja”. A vinheta é animada

¹⁹ O roteiro do documentário pode ser acessado através do link:

https://drive.google.com/open?id=1qRp4cUV7VTeYpd6-IZSWjJ-tM51_LZ6V

²⁰ Denomina-se “dichavar” o ato de triturar a flor da maconha – ou sua forma prensada – para que possa ser enrolada no papel de liar e ser fumada.

com o título intercambiando as cores, e o vídeo em um leve movimento que pode – ou não – causar desconforto visual. Ao fundo da vinheta, há o logotipo do documentário em transparência 50% na tela.



Figura 4 - Vinheta inicial do documentário (branca)



Figura 5- Vinheta inicial do documentário (preta)

Logo após a vinheta, aparece o título “Um filme de Bárbara Ramos”, crédito inicial inspirado pelas referências audiovisuais da realizadora.

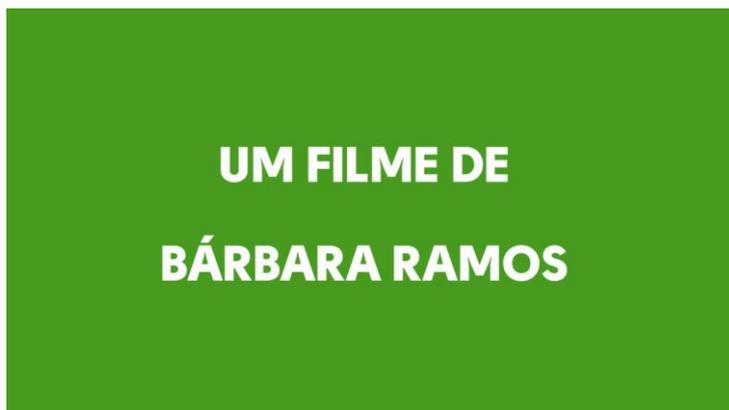


Figura 6 – Título inicial "Um filme de Bárbara Ramos"

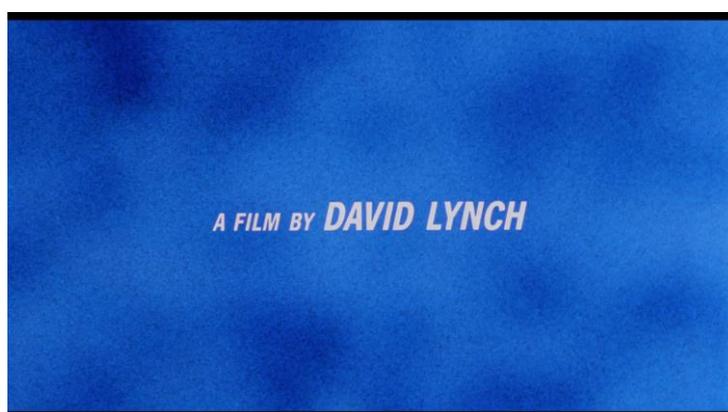


Figura 7 - Créditos iniciais do filme "Os Últimos Dias de Laura Palmer" (1992), do diretor David Lynch.

Após os créditos iniciais, imagens de um metrô partindo e de fumaça subindo costumam a cena inicial junto ao restante da narrativa. A cena seguinte apresenta o local de onde o entrevistado está falando, a cidade de Uruguaiana, em que aparecem imagens da cidade e da sede uruguaianense da RBS TV, com efeitos sonoros de ruídos de televisão na banda de áudio.

Após esta breve inserção de localização espacial e temporal, o efeito visual de "fade in" suavemente abre espaço para a sonora de Celso Duarte, que está em primeiro plano. Assim como os outros quatro personagens o farão, Celso fala sobre sua trajetória profissional. O gerador de caracteres animado surge ao canto inferior esquerdo da tela. A imagem de Celso sai em "fade in" dando abertura à próxima cena. A mesma estrutura de imagens indicando o local em que as entrevistas foram feitas junto à apresentação dos personagens segue até o fim do bloco de apresentações, finalizado pela fala de Dave Coutinho. Ao longo das imagens de ambientação das fontes, cada personagem possui um efeito sonoro que remete

tanto à ruídos de televisão, rádio e pessoa folheando jornal, como à ruídos que lembram um isqueiro sendo acendido e papel sendo queimado.

Após o bloco de apresentações, uma nova inserção de voz-over acontece para interligar informações a respeito da história da maconha com o assunto a seguir: as circunstâncias em que esse tema aparece quando é pauta. Cobrimos a banda de áudio desta voz-over com imagens produzidas pela realizadora do documentário, bem como imagens de arquivo. Apenas as imagens referentes à China Antiga e os ícones referentes à medicina são imagens de arquivo oriundas de acervos gratuitos de imagens na internet. O restante das imagens que cobrem o off são originais, produzidas tanto em estúdio, como também em locais externos.

O bloco subsequente fala sobre a abordagem da erva nas diversas áreas do jornalismo. Iniciamos com a fala de Celso Duarte, em que fala as situações em que o Jornal do Almoço exibe notícias sobre maconha. Após a fala de Celso, há uma inserção de imagem de arquivo com notícia exibida pelo JA, por coincidência, no dia em que fomos entrevistá-lo. A notícia é sobre uma apreensão de maconha, crack, cocaína e armas na cidade de São Borja. A sonora de Cid Martins vem na sequência, junto a material de arquivo referente à série de reportagens produzida por ele e que fora premiada em 2014. Cobrimos esse áudio de arquivo com imagens produzidas pela realizadora do documentário e a inserção de informações gráficas na tela, junto a uma retícula retangular de opacidade 20%.



Figura 8 - Informações gráficas e imagem de cigarros cenográficos ao fundo.

O bloco segue com a fala de Débora Lopes, e a inserção de imagens de arquivo de documentário sobre maconha produzido pelo *Vice News* norte-americano, em que se pode ver qual o tipo de abordagem que a empresa dá a pautas como essa. Logo após, a fala de Dave e a inserção de imagens do site do *Smoke Buddies*, mostrando como a informação está ali disposta. Renato também tem sua fala inserida logo após a sonora de Dave, em que fala que o jornal para o qual trabalha orienta que não façam apologia sobre drogas.

A narração volta e amarramos o bloco anterior ao posterior, que aborda os desdobramentos da discussão do tema na sociedade. A voz *over* aponta para o elemento que cruza a narrativa – a passagem do tempo – relacionando este ao jornalismo e fazendo a transição para a sonora de Dave Coutinho, dando abertura ao bloco de desdobramentos da discussão sobre maconha no jornalismo para a sociedade.

Neste bloco, que é o derradeiro, os personagens apresentam histórias de pauta relacionadas ao tema em que tiveram seu trabalho reconhecido, abordagens que dão às suas produções jornalísticas (nesse ponto, abordamos a marcha da maconha e, em voz-*over*, falamos de aspectos históricos da proibição no país²¹), e os personagens finalizam dando contribuições de como este assunto pode ser pautado com maior frequência e de forma mais verdadeira e objetiva.

A narração retorna para finalizar o filme, que se encerra com a voz-*over* fazendo reflexões a respeito da passagem do tempo e elucidando sempre as atividades referentes ao jornalismo. A voz-*over* encerra sua narração convidando o espectador para “mais um beck”, fala que será complementada pela sonora de Dave Coutinho, captada em momento de descontração durante a entrevista.

O fechamento do filme interliga aos créditos e trilha final que, vale ressaltar, é uma produção autoral de amigos da realizadora. A trilha final não foi produzida exclusivamente para o documentário, porém esta é uma versão instrumental e não finalizada da canção que ainda não possui um nome. Os créditos aparecem divididos em quadrantes na tela, e o filme se encerra após os nomes de todos os

²¹ As informações contidas na voz-*over* são encontradas no livro de Edward Mc Rae e Júlio Simões, intitulado “Rodas de fumo: o uso da maconha entre as camadas médias urbanas”, em específico na página 19.

colaboradores e apoiadores, bem como dos dados da instituição, terem aparecido na tela.



Figura 9 - Disposição dos créditos do filme



Figura 10 - Cena final do documentário

6. Avaliação do processo de produção

Ao escolhermos o tema, não tínhamos noção da dimensão que este projeto poderia tomar. Ao criticarmos a prática jornalística, inevitavelmente olhamos para dentro de nós e tocamos em nossas próprias feridas. Passamos a graduação inteira em contato com a teoria da técnica jornalística, a utilizamos para

compreender e adequar nossa escrita e fala a uma atividade que deveria ser inteiramente dedicada aos interesses da sociedade, porém que ao fim acaba por frustrar muitos aqueles que acreditam no ideal do jornalismo pautado pelo interesse público, uma vez que a prática entra a serviço de empresas comunicacionais que visam apenas seu retorno financeiro.

Ora, uma das preocupações da realizadora do Dialoganja era, justamente, se mesmo em detrimento de lucro, esses profissionais que estão ali, prestando serviço às empresas de comunicação, estariam pensando alternativas para que seu trabalho impacte a sociedade de uma maneira que o lucro não fosse o único objetivo da disseminação daquela informação. A escolha de falar sobre maconha parte deste questionamento, uma vez que essa erva possui benefícios e malefícios para os seres humanos, e sua proibição remete a tantos outros problemas intrínsecos a males sociais como o extermínio da juventude negra, a exploração de trabalhadores rurais e toda a violência gerada pela guerra ao tráfico.

Tendo em vista os aspectos que citamos, este projeto foi de extrema importância para a vida profissional e acadêmica da realizadora, e também para outras áreas de sua vida, uma vez que pode ter tido a experiência de pesquisar, conhecer e entender do processo de construção das notícias a partir da visão de quem está produzindo há mais tempo do que ela, pois enquanto iniciante, e tendo atuado no mercado de notícias apenas em curtos períodos de estágio obrigatório, não dimensionava o quão fugaz é a dinâmica da prática jornalística. Para ela, tornar-se jornalista está além de um objetivo profissional, é – de fato – um sonho que por anos trouxe consigo, e que neste momento tem a oportunidade de realizá-lo, e o faz justamente trocando ideias com aquelas pessoas que possuem uma trajetória profissional recheada de acontecimentos importantes, e investigando um tema de sua área de interesse e que julga ser de expressiva importância para transformar esta sociedade, que se insere em um contexto em que o usuário de substâncias ilegais está sujeito ao julgamento não somente pela atividade ilícita, mas também pela classe social a qual ele se insere e, infeliz e brutalmente, pela cor de sua pele.

A realizadora, desde o início de sua graduação, interessa-se em manter uma visão crítica da prática jornalística, pois muitas vezes se frustrou ao perceber as lacunas éticas que essa profissão deixa em seus registros, e sempre se interessou

em tentar compreender como algo chega ao ponto em que está. Mesmo em questões subjetivas, a realizadora está sempre se questionando a respeito das condições da existência humana, e levar esses questionamentos para uma área específica de estudo era o caminho eminente a seguir. É evidente que este trabalho não versa a respeito de questionamentos existenciais ou do entendimento do que é a condição humana, mas por ora devemos compreender que este trabalho serve para que se pense cada vez mais na prática jornalística e nas formas como ela demonstra estar em detrimento das relações de poder que as instituições exercem sobre a sociedade.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo surge enquanto uma atividade intelectual a partir das necessidades de consumo da sociedade burguesa. Ele traz o lado interpretativo da cultura dessa sociedade, que cada vez mais transcende seus próprios valores, transfigurando-os conforme os acontecimentos tomam forma ao longo da construção de nossos cotidianos. Ora, por seu viés interpretativo e crítico, o jornalismo vai apontar para onde o *establishment* e as revoluções socioculturais seguirem, num estágio primeiro de evidenciação do *fait divers* dentro do corriqueiro, e a partir disso evoluindo para um estágio segundo em que a prática jornalística, para além da evidenciação do *fait divers*, utilizá-lo-a para criticar os costumes da sociedade, seja de uma maneira superficial, apenas mostrando de forma genérica que costumes são estes e como foram criados ou mesmo enraizados na sociedade, ou de uma maneira mais completa, problematizando e especificando a partir de dados obtidos com especialistas, pesquisas, enquetes, entre outros métodos, a fim de que a sociedade tenha acesso a uma informação precisa e segura.

Nosso país encontra-se em um contexto social em que o tráfico de drogas vitima a níveis exorbitantes milhares de jovens, de negros e de crianças. Em que se naturaliza a proibição do direito de ir e vir, em que os direitos e deveres dos cidadãos estão sendo deturpados; contexto o qual se eleva a moral em detrimento de valores superficiais; contexto em que tudo é vendável ou negociável,

principalmente vidas. A respeito deste cenário, Torcato (2016) aborda como este contexto está para a nossa sociedade.

O fenômeno da criminalidade associada ao tráfico ilícito de drogas é evidente em praticamente todas as grandes cidades do país – as notícias de mortes envolvendo disputas por pontos de venda ou por conflitos entre traficantes e a polícia são praticamente diárias. Esse fenômeno não é exclusividade do Brasil. Estimativas de 2009 apontam que esse gênero comercial movimentou algo em torno de 870 bilhões de dólares naquele ano – o que equivaleria a 1,5% do Produto Interno Bruto (PIB) global ou 7% das exportações mundiais de mercadorias. (TORCATO, 2016, p. 12)

Em um contexto como este, práticas de questionamento a respeito de tudo que converge para essa situação sociopolítica são de extrema necessidade. Um dos objetivos de nosso trabalho é a problematização do processo de construção de notícias de veículos de referência e alternativos quando a maconha é pautada, e pudemos observar que mesmo com a abertura que vem ocorrendo no jornalismo a respeito do tema, pouco impacto tem causado à sociedade, uma vez que ainda vê a maconha como uma droga ilegal, e pouco compreende sobre o que é a criminalização, as consequências da proibição, entre outros desdobramentos sobre os quais já falamos neste relatório.

O conteúdo que os veículos de referência e populares produzem sobre a *cannabis sativa* ainda é vinculado à editoria de polícia, porém jornais como Zero Hora, Folha de São Paulo, Estadão, telejornais como Globo Repórter, Profissão Repórter e Fantástico, programas de entrevista como o do apresentador Pedro Bial, de matérias ao estilo jornalismo Gonzo do programa A Liga, procuram abordar pautas como a situação da legalização da maconha em países que já experimentaram essa medida, bem como as possibilidades de isto ocorrer no Brasil. Acreditamos que a ocorrência diária de pautas ligadas à editoria de polícia eo fato de que essas pautas que sobressaem essa editoria sejam exceções ao modo de produção do jornalismo de referência dificulta que a população tenha acesso a dados que possam mudar a visão de toda uma sociedade a fim de que haja consciência acerca dos contextos acima descritos e mobilização para a mudança do cenário atual da nossa política de drogas.

Observamos, também, que se a motivação para os veículos alternativos é a contra-argumentação ao trabalho que vem sendo feito a respeito da pauta sobre

maconha no Brasil, ainda há muito trabalho a ser feito. Estes veículos possuem já um alcance maior na sociedade, que os busca para ter acesso a outros tipos de conteúdo que não estão sendo abordados pelos veículos de referência, porém devemos ter noção de que dificilmente essa informação chegará a pessoas de baixa renda, de pouca escolaridade, e que não tenha acesso à internet. A circulação do conteúdo acaba acontecendo apenas em uma redoma intelectual a qual atinge uma branda parcela da população, mesmo que o acesso a essas informações tenha crescido nos últimos tempos.

Consideramos, por fim, que os jornalistas pouco podem fazer para mudar este contexto ou condição a qual a sociedade brasileira está submetida. Porém se puderem, cada vez mais, buscar sua própria maneira de tecer realidades diversas e abordar todos os lados de uma mesma situação, em detrimento da informação de qualidade e não somente pelos interesses de outrem, seria um caminho ideal para que a população crie consciência e empatia não somente pela pauta que vai falar sobre maconha, mas sobre tudo o que engloba o tema, principalmente o tanto que este tema está oculto na sociedade para que instituições e empresas se fortaleçam e sigam perpetuando práticas que, mesmo que em primeira vista inocentes, tornam-se, a níveis preocupantes, violentas.

Mesmo que esse não seja um trabalho com a finalidade de discutir a atual política de drogas, e sim um trabalho para reflexão da prática jornalística a respeito de um tema que é tabu para sociedade, acreditamos que estas discussões sejam de suma importância para o entendimento dessa prática e das causas que levam os profissionais e os dirigentes das empresas seguirem a uma linha editorial, ou a um código de ética, ou a um manual de redação próprio. Acreditamos na necessidade de uma nova configuração da abordagem de temas relativos ao consumo de drogas, tanto as lícitas como as ilícitas, e em especial da maconha, justamente pela limitação de sua classificação enquanto droga, conforme indicam McRae e Simões.

Uma sugestão, para repensar a questão das drogas, é abordá-la a partir de outros ângulos. A tendência comum no discurso oficial em torno do consumo de substâncias psicotrópicas é enfatizar o termo genérico "droga", sem que se faça uma distinção cuidadosa entre substâncias diversas, seus efeitos variados sobre a psique humana e os contextos específicos nos quais ocorre seu uso. (MC RAE E SIMÕES, 2004, p. 29)

Ora, pelo fato de a maconha ser consumida por pessoas das mais diversas classes sociais, desde os pobres até a elite, e também por suas propriedades religiosas e medicinais, a erva deveria ser assunto muito mais recorrente na mídia de referência. A proibição legal não deveria ser um empecilho para a discussão do tema, embora saibamos que este não é o único motivo para tal. Barbosa (2007, p. 17) aponta que “há que se perceber também o papel da imprensa como instituição de controle social, servindo à própria estrutura de poder e agindo como veículo de manutenção da ordem vigente”, e compreendemos que seriam necessários mais estudos na área para que pudéssemos compreender o que motiva a perpetuação ou o rompimento com a ordem sociopolítica vigente.

8. Referências

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Editora Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 2009.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa dos anos 1900 a 2000**. Mauad X, Rio de Janeiro, RJ, 2007.

HAUBRISH, Alexandre. **O megafone das lutas populares: a história da mídia alternativa no Brasil**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação: 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR, 2017.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. **Filmar o real – sobre o documentário brasileiro contemporâneo**. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2008.

MACRAE, Edward; SIMÕES, Júlio Assis. **Rodas de fumo: o uso da maconha entre as camadas médias urbanas**. Editora da Universidade Federal da Bahia (EDUFBA), Salvador, 2ª Impressão, 2004.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Editora Papyrus, Campinas, São Paulo, 2005.

PEDRINI JR, Clóvis César; CARVALHO, Guilherme Gonçalves de. **Jornalismo Gonzo na VICE Brasil: aproximações entre linguagem, discurso e produto jornalístico**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação: 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR, 2017.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção**. Papyrus, Campinas, São Paulo, 2009.

TORCATO, Carlos Eduardo Martins; orientador Henrique Soares Carneiro. **A história das drogas e sua proibição no Brasil: da Colônia à República**. – São Paulo, 2016, 371f. Tese (Doutorado em História Social). Departamento de História Social da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: Volume II**. Editora Insular, Florianópolis, Santa Catarina, 2013.

ZAMIN, Angela. **Jornalismo de Referência: o conceito por trás da expressão.** Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, 2014, v. 21, n. 3, p. 918-942.

9. APÊNDICES

9.1. APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS (GERAL)

Entrevistas – como serão feitas?

Em **cinco blocos**: 1) apresentação das fontes; 2) o trabalho na redação, bloco que aborda as questões que envolvem o trabalho do editor e do repórter na redação; 3) da profissão e do profissional: cultura e ética, bloco que aborda questões estritas à cultura da profissão e a ética jornalística; 4) as sanções e as recompensas, bloco que aborda situações de liberdade ou reprimenda à ação jornalística, bem como os comportamentos resultantes da atuação no mercado jornalístico; 5) análise de caso: a marcha da maconha, bloco que aborda o espaço da marcha na mídia e a relação dos jornalistas com esse movimento.

Apresentação das fontes

1- Antes de começarmos, gostaria que você fizesse uma breve síntese de como chegaste onde está hoje. Há quanto tempo trabalhas como jornalista? Costuma trabalhar em quais editorias? Em quais mídias atuaste e em quais estás atuando? Escolheste o jornalismo em que momento de tua vida?

O trabalho na redação

2- Em que circunstâncias maconha é pauta nesta redação?

3- Há uma conversa ou orientação prévia entre diretores, editores, repórteres e produtores quando se fala sobre maconha?

4- Você tem conhecimento de como a questão da maconha vem sendo tratada, historicamente, na empresa onde trabalha?

5- Como a redação reage quando alguém quer falar sobre maconha? Há algum tipo de resistência ou estranhamento ao abordar esse tipo de pauta?

6- A linha editorial fala algo sobre a cobertura de um tema tabu como a maconha?

7- A relação dos editores-chefe e repórteres apresenta “turbulências” quando a opinião pessoal do repórter sobressai na sua produção noticiosa? Por exemplo, um repórter que divulga, em suas redes sociais ou em algum outro local de exposição pública de sua fala, uma opinião controversa à linha editorial da empresa a que está vinculado. É possível que este funcionário seja, de alguma forma, vetado ou mesmo afastado da função que exerce?

8- Você tem conhecimento de como outras empresas jornalísticas, ou mesmo de outras filiadas da mesma empresa em que trabalha, lidam com a questão da maconha em suas linhas editoriais?

9- A partir de sua experiência como jornalista, em qual empresa você se sentiu mais confortável para falar sobre maconha?

10- A maconha ainda é tabu na empresa em que você trabalha?

Da profissão e do profissional: cultura e ética

11- O que você conhece sobre a atual política de drogas de nosso país? Qual a sua opinião acerca da mesma?

12- Você acredita que o proibicionismo é apenas judicial ou ele também tem caráter midiático?

13- Geralmente, quando a maconha é pauta em uma redação, a abordagem gira em torno da editoria de polícia. Esse paradigma, da associação do uso de drogas com a violência, é determinante na construção de uma hegemonia discursiva nas redações do país. Você acredita que a mudança de um discurso hegemônico parte de pequenas ações do jornalista ou estritamente da posição da linha editorial?

14- Você enxerga a si mesmo como um colaborador da formação desse discurso hegemônico?

15- De que maneira as empresas jornalísticas e seus funcionários podem pensar sobre suas próprias ações a fim de romper esse paradigma vigente?

16- Qual seria, em sua visão, o formato ideal para falar sobre maconha no jornalismo?

17- Você acredita que falar sobre maconha na mídia mudaria o cenário atual da política sobre a droga no país?

18- Você acredita no ideal do jornalista que possui uma função social, como dizia, no século XIX, Hipólito da Costa? De que forma esse ideal se manifesta hoje, ou você acredita que ele não mais se manifesta?

19- Muitas vezes, quando a pauta sobre maconha é abordada a partir da editoria de saúde, ciência, economia ou política, ela pode estar vinculada à atuação de empresas que visam a divulgação de seu trabalho e ao lucro, conseqüentemente. A comunidade jornalística a qual você pertence tem feito um papel mais social, em que a abordagem vai ser feita a partir de um fato ou ação iniciada por sujeitos não

vinculados à empresas, bem como a organizações sem fins lucrativos, ou mais empresarial, dando espaço a essas empresas/instituições lucrativas, que podem ou não ter patrocinado a pauta, ao falar sobre maconha?

20- De que maneira você acredita que a mídia interfere no diálogo sobre maconha na sociedade?

As sanções e as recompensas

21- Você percebe a linha editorial da empresa em que trabalha como flexível ao falar sobre maconha? E sobre outras drogas?

22- Você já foi censurado ou auto-censurou seu trabalho quando falaste no assunto? Se sim, de que forma essa ação ocorreu?

23- Você é um jornalista recém chegado na empresa em que trabalha, e durante a reunião de pauta sugere fazer uma grande reportagem abordando a maconha a partir de uma perspectiva a qual os colegas que estão há mais tempo na redação acreditam que não é interessante, e o editor-chefe não lhe dá muitas esperanças de que o material irá render. Ainda assim, você insiste na pauta, tentando encaixar a abordagem até que seja aceita pelos colegas de redação. De que forma você acredita que essa situação hipotética se resolveria no ambiente em você trabalha atualmente?

24- Tens alguma história de pauta sobre maconha que vale ser lembrada? Alguma situação em que tiveste o teu trabalho reconhecido seja positiva ou negativamente?

Análise de caso: a marcha da maconha

25- Qual a sua opinião sobre a marcha da maconha? Você apoia ou conhece os interesses deste grupo?

26- De que maneira a empresa em que tu trabalhas se posiciona frente à marcha da maconha?

27- Já participaste de alguma edição da marcha? Se sim, que impressões tiveste da manifestação? Como seus colegas e chefes reagiram à sua participação? Se não, o que te motiva a não participar de manifestações como esta? Sente que esta crença vincula-se mais ao modo que você vê o mundo (sua esfera particular) ou a uma restrição ligada a algum princípio da cultura da tua profissão, como a imparcialidade, em que apenas assistimos aos fatos sem a devida participação?

28- Você acompanha as produções noticiosas acerca da marcha da maconha? Como você acredita que esse material contribui para que a população entenda o que é o movimento da marcha da maconha?

9.2. APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA DAVE COUTINHO

Entrevistas – como serão feitas?

Em **cinco blocos**: 1) apresentação das fontes; 2) o trabalho na redação, bloco que aborda as questões que envolvem o trabalho do editor e do repórter na redação; 3) da profissão e do profissional: cultura e ética, bloco que aborda questões estritas à cultura da profissão e a ética jornalística; 4) as sanções e as recompensas, bloco que aborda situações de liberdade ou reprimenda à ação jornalística, bem como os comportamentos resultantes da atuação no mercado jornalístico; 5) análise de caso: a marcha da maconha, bloco que aborda o espaço da marcha na mídia e a relação dos jornalistas com esse movimento.

Apresentação das fontes

1- Antes de começarmos, gostaria que você fizesse uma breve síntese de como chegaste onde está hoje. Há quanto tempo trabalhas como jornalista? Costuma trabalhar em quais editorias? Em quais mídias atuaste e em quais estás atuando? Escolheste o jornalismo em que momento de tua vida?

O trabalho na redação

2- Em que circunstâncias surgiu a demanda de abrir um site em que a pauta principal é a maconha?

3- Há uma conversa ou orientação prévia entre diretores, editores, repórteres e produtores referente a este posicionamento adotado pelo smoking buddies?

4- Como a questão da maconha vem sendo tratada, historicamente, na empresa?

5- A linha editorial de vocês fala algo sobre a cobertura de outros temas que não a maconha?

6- A relação dos editores-chefe e repórteres apresenta “turbulências” quando a opinião pessoal do repórter sobressai na sua produção noticiosa? Por exemplo, um repórter que divulga, em suas redes sociais ou em algum outro local de exposição pública de sua fala, uma opinião controversa à linha editorial da empresa a que

está vinculado. É possível que este funcionário seja, de alguma forma, vetado ou mesmo afastado da função que exerce?

7- Você tem conhecimento de como outras empresas jornalísticas lidam com a questão da maconha em suas linhas editoriais?

8- A partir de sua experiência como jornalista, em qual empresa você se sentiu mais confortável para falar sobre maconha?

9- A maconha ainda é vista como tema tabu por você ou seus empregados?

Da profissão e do profissional: cultura e ética

10- O que você conhece sobre a atual política de drogas de nosso país? Qual a sua opinião acerca da mesma?

11- Você acredita que o proibicionismo é apenas judicial ou ele também tem caráter midiático?

12- Geralmente, quando a maconha é pauta em uma redação, a abordagem gira em torno da editoria de polícia. Esse paradigma, da associação do uso de drogas com a violência, é determinante na construção de uma hegemonia discursiva nas redações do país. Você acredita que a mudança de um discurso hegemônico parte de pequenas ações do jornalista ou estritamente da posição da linha editorial?

13- Como você se enxerga, enquanto jornalista, dentro deste contexto de formação do discurso hegemônico sobre maconha?

14- De que maneira você acredita que as empresas jornalísticas e seus funcionários podem pensar sobre suas próprias ações a fim de romper esse paradigma vigente?

15- Qual seria, em sua visão, o formato ideal para falar sobre maconha no jornalismo?

16- Você acredita que falar sobre maconha na mídia mudaria o cenário atual da política sobre a droga no país?

17- Você acredita no ideal do jornalista que possui uma função social, como dizia, no século XIX, Hipólito da Costa? De que forma esse ideal se manifesta hoje, ou você acredita que ele não mais se manifesta?

18- Vocês abordam a pauta da maconha em diversas áreas, a partir da editoria de saúde, ciência, economia ou política. Essa abordagem pode estar vinculada à atuação de empresas que visam a divulgação de seu trabalho e ao lucro,

consequentemente. A comunidade jornalística a qual você pertence tem feito um papel mais social, em que a abordagem vai ser feita a partir de um fato ou ação iniciada por sujeitos não vinculados à empresas, bem como a organizações sem fins lucrativos, ou mais empresarial, dando espaço a essas empresas/instituições lucrativas, que podem ou não ter patrocinado a pauta?

19- Como vocês lidam com essa questão da pauta patrocinada no *Smoke Buddies*?

20- De que maneira você acredita que a mídia interfere no diálogo sobre maconha na sociedade?

As sanções e as recompensas

21- Você percebe a linha editorial da empresa em que trabalha como flexível ao falar sobre outras drogas?

22- Você já foi censurado ou auto-censurou seu trabalho quando falaste sobre maconha ou outras drogas? Se sim, de que forma essa ação ocorreu?

23- Você já possuiu funcionários que, em algum momento, discordaram da política editorial do *Smoke Buddies*? Como ocorreu esta situação?

24- Tens alguma história de pauta sobre maconha que vale ser lembrada? Alguma situação em que tiveste o teu trabalho reconhecido seja positiva ou negativamente?

Análise de caso: a marcha da maconha

25- Qual a sua opinião sobre a marcha da maconha? Você apoia ou conhece os interesses deste grupo?

26- De que maneira a empresa em que tu trabalhas se posiciona frente à marcha da maconha?

27- Já participaste de alguma edição da marcha? Se sim, que impressões tiveste da manifestação? Como seus colegas e chefes reagiram à sua participação?

28- Você acompanha as produções noticiosas acerca da marcha da maconha? Como você acredita que esse material contribui para que a população entenda o que é o movimento da marcha da maconha?